

## GÊNERO E OLHARES IDENTITÁRIOS NA CULTURA DO MARACATU PERNAMBUCANO

Alice Bessa<sup>1</sup> e Virgínia de Lima Palhares<sup>2</sup>

### Resumo

Os modos de viver contemporâneos podem desvelar esboços de vida feitos da preservação de culturas coletivas antepassadas, delineando seus tempos atuais e futuros. Nesta pesquisa, a construção cultural focalizou a mulher. Pretendeu-se descrever e refletir sobre o mundo-da-vida de uma mulher que viveu em comunidades suburbanas na região nordeste brasileira. A pesquisa ocorreu nas vivências cotidianas que vão ao encontro da empatia criada por esta mulher, pois ela é Rainha de uma nação de Maracatu - “Nação Estrela Brilhante” - de Recife. A cultura popular do Maracatu tem raízes pernambucanas e origem ligada a afro descendência etnográfica. Esta cultura foi percorrendo tempos, agregando símbolos das culturas indígenas e, hoje, cosmopolita. O arcabouço deste trabalho tem imersão cultural e descrição densa dos fenômenos vivenciados durante uma pesquisa em campo. As percepções e empatias trocadas contribuiram para a investigação natural do objeto. A vivência etnográfica pousou entre os caminhos metodológicos qualitativos e as narrativas foram observadas com olhar participante. Em maio de 2014, vivenciei o cotidiano da Rainha e registrei esta vivência em um diário de bordo. No Alto José do Pinho, em Recife, onde se localiza a sede desta nação e também residência de Dona Marivalda, percebeu-se e compartilhou-se a vida de uma amiga da comunidade, conselheira da vizinhança, mãe acolhedora de muitos e semeadora de símbolos para a sua cultura em plenos tempos pós-modernos com resquícios desenvolvimentistas do nordeste brasileiro. O olhar para o modo de viver de Dona Marivalda está presente neste artigo em forma de diálogo com os fragmentos das narrativas presentes no diário de bordo. As vivências com Marivalda encaminham a estudos sobre empatia e *mundo da vida*, fios fenomenológicos que são aprofundados pela filósofa Edith Stein e Edmund Husserl. Aqui, estes conceitos contribuem na tessitura das reflexões empíricas e teóricas sobre a identidade desta mulher no contexto temporal e espacial de sua existência subjetiva e como figura popular. Este aprofundamento no ser, chave dos universos humanistas, pode ser navegado tanto pelas paisagens de uma memória quanto pelas paisagens dos lugares onde se passaram estas vivências. Os símbolos e outros planos geográficos que compõem o mundo atual estão presentes nas reflexões tecidas. Esta geografia é a ponte de cotidiana influência ao modo de vida de Marivalda. A abordagem fenomenológica desemboca no estalar das percepções geográficas de espaço intersubjetivo e dominante cujo ser é parte reflexa deste mundo, sendo também na escala perceptiva, o mundo em si.

Palavras-chave: mulher, empatia, mundo-da-vida, fenomenologia.

### *O caminho de encontro*

Ser geógrafo é encontrar longos caminhos bordados por paisagens e lugares oriundos do genuíno deslocar, despertar e observar dos nossos corpos. A pesquisa de campo pode ter um percurso meandrante já que os nossos olhares estão atentos a múltiplas especificidades incluídas nos lugares que vamos estar ou passar, mesmo que sejam efêmeros aos olhos de terceiros como a janela de um ônibus de viagem... Um trabalho fenomenológico também tem

---

<sup>1</sup> Alice Bessa é geógrafa e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista/UFMG ([abessageo@gmail.com](mailto:abessageo@gmail.com))

<sup>2</sup> Virgínia de Lima Palhares é doutora em Geografia e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista/UFMG ([palhares.vi@gmail.com](mailto:palhares.vi@gmail.com))

a característica de não ter uma direção de observação, as vivências são desarrolhaves sempre únicos.

No caso deste trabalho, buscou-se focar na escala do mundo-da-vida, onde os perceberes estiveram voltados para a vida de uma mulher sempre eclodindo da forma humanista ou mirada para essência da vida. Husserl (2012) muito colocou a importância deste modo de orientar a ciência em uma de suas principais obras “*A crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental*”, onde apontou a distância que os caminhos científicos construíram da existência humana desde que se fundamentaram nos pensamentos positivistas e modernos. A aproximação com o mundo-da-vida na geografia encontra acesso através da análise fenomenológica. Os estudos terrestres, assim, são observados por uma ponte de intermédio que se dá a partir do ser, para o mundo. A essência humanista da geografia acredita nas experiências originárias, onde o ser humano vivencia o mundo em sua realidade concreta. Assim, abrangem-se reflexões para as análises geográficas horizontais que podem se operar como um raio crescente, observando a partir do ser, o lugar, a paisagem, a região, o território, o continente ou o mundo. Sendo assim, a geografia não se distancia de seus objetos fundamentais de análise: o homem e a terra. Apenas inicia sua reflexão a partir do mundo-da-vida, lugar primeiro que habita, o corpo, e não de olhares estatísticos ou globais. Como geógrafa, acredito que esse caminho mais se aproxima da veracidade dos acontecimentos, já que cada lugar é único e cada ser é único também. Então, essa relação não pode ser idêntica a qualquer outra na terra. Portanto, deve-se entender a semente antes de entender o jardim a que ela brotou, mas este entender não exclui o entender sobre todo o jardim, apesar de saber que análises horizontais são sempre mais complexas por terem muitas especificidades ou sementes. Um *diário de bordo*<sup>3</sup> construído em uma viagem para Recife foi a matéria bruta onde separei alguns fios importantes que resultaram neste artigo. O encontro com a Rainha da Nação Estrela Brilhante de Maracatu desde o primeiro capítulo do diário escrito a bordo tinha um pressentimento envolvido. Claro que vivências quase nunca são como imaginamos antes de esbarrarmos com elas num instante de realidade concreta, mas não podemos deixar de considerar que estes passares são sempre *telúricos*.<sup>4</sup> A estadia na sede ou casa da Rainha, envolveu uma permanência em um alto de um morro ocupado por um aglomerado recifense onde parte da comunidade participa da Nação Estrela Brilhante de Maracatu, ou mesmo já ouviu falar ou já ouviu os sons musicais que esta cultura emana como símbolos... O “Estrela”, como é popularmente reverenciado nos becos do Alto José do Pinho (FIG. 1), já teve sede em outros lugares e é uma nação<sup>5</sup> que existe desde do ano 1906.

---

<sup>3</sup> O Diário de Bordo foi usado pelos navegadores desde as primeiras navegações para escritos onde eram colocados registros de localização, dentre outros. É utilizado também por pilotos de aeronaves com a mesma finalidade. No trabalho realizado em Recife optou-se por usá-lo com as mesmas finalidades, estando o meu ser dentro do “transporte-lugar” corpo, que caminha pelo mundo. Os fragmentos do diário estão neste texto com recuo e em itálico

<sup>4</sup> O espaço Telúrico de Dardel (1952) é concreto e imaginário; essa é a visão do homem ao meio, sempre “alterada” pelo pedaço imaginário da percepção construída por cada um antes de ver, sendo a realidade, na verdade, uma forma sempre subjetiva de ver o mundo.

<sup>5</sup> O conceito de nação é levantado por Bauer (2000). Ele compreende nação como uma comunhão relativa de caráter (características físicas e mentais peculiares e que uniram seus membros). Posteriormente, esse caráter foi produzindo novas e diferentes formas únicas e naturais causadas pelas similaridades e pela comunhão de destino. Há, entre estes povos, uma língua em comum e uma comunicação estreita. Na cultura do Maracatu, este nome é carregado secularmente por seus seguidores.



Figura 1 - Escadaria da rua 21, Alto José do Pinho (Recife/PE).  
Autor: Alice Bessa.

Sobre esta cultura a que estamos referindo, intrinsicamente relacionada à identidade de dona Marivalda por ser comum no lugar onde nasceu, preciso antecipar que há uma complexa busca feita por historiadores e antropólogos para descreve-la, devido a ausência de documentos escritos e das sabedorias múltiplas relacionadas aos povos das 28 nações de Maracatu pernambucanas e também por sua cultura centenária... Sendo assim pretendo tecer meu observar junto das várias versões que li e do que percebi durante minha imersão . Sua origem pernambucana remonta a cultura de povos afrodescendentes. Os povos africanos, Sudaneses e Bantos trouxeram saberes culturais religiosos que foram sendo sincretizados desde os porões dos navios de exportação escrava. O tempo em terras brasileiras, junto às especificidades do lugar, contribuiu para que esta cultura chegasse a ser o que é hoje. Sua musicalidade tem som característico (semelhante a trovões) emitido através de tambores e outros instrumentos percussivos que se relacionam a muitas simbologias religiosas e culturais.

No terreiro, lugar sagrado da religião do Candomblé, esses tambores dão os “chamados” ou os sons para os espíritos ancestrais, ligados aos seus seguidores, aos seus deuses e a natureza. Existe outro tipo de Maracatu com mais sincretismos indígenas, conhecido hoje como Maracatu Rural, este não está sendo tratado aqui; ele acontece em comunidades interioranas do território pernambucano e tem sonoridade distinta. A cultura do Maracatu de baque virado, tradicional ou ‘não rural’, muitas vezes acontece em forma de um cortejo pelas ruas onde há uma bela e brilhante apresentação da sua corte, com uma Rainha (que tem mais significado dentro desta cultura do que um rei), um rei (que não é necessariamente casado com a Rainha), príncipes e princesas (filhos da Rainha), damas de passo (damas que dançam o ritmo do Maracatu e acompanham a Rainha), duas bonecas, importantes símbolos que representam duas deusas, baianas (que acompanham dançando) e os batuqueiros ou percussionistas atrás regidos por um mestre. O grupo percussivo, por vezes, se apresenta sem a corte, apenas como espetáculo musical, e a partir disso muitos grupos unicamente percussivos se formaram pelo Brasil e pelo mundo. A formação da corte tem na constituição de sua história teorias tanto relacionadas aos cultos de reinados africanos e ancestrais quanto de uma ironia de inversão social das cortes européias. Essas posições hierárquicas são consagradas dentro dos Terreiros de Candomblé e têm como principal símbolo as bonecas que ficam junto da Rainha da nação.

Na casa de dona Marivalda e sede da Nação Estrela Brilhante, as bonecas (Joventina e Erondina) ficam no quarto de costura e são constantemente levadas ao terreiro de candomblé.

Elas têm a importância de carregarem o egum (espírito) de deusas da água e do tempo. Há um mistério envolvido nos rituais em que elas estão relacionadas e como disse a Rainha Marivalda, “- Minhas bonecas falam.” (FIG. 2).



Figura 2: Bonecas de Dona Marivalda, Joventina e Erondina.  
Autor: Alice Bessa

Estar sob o mesmo lar-lugar onde a Rainha reside por mais de uma semana envolveu minhas percepções às dela, junto ao que estava se construindo na minha consciência sobre a cultura do Maracatu e sobre o lugar que estava imersa há mais tempo (Recife/ PE). A imersão vivenciada no nordeste e mais precisamente no Alto José do Pinho deixou a investigação diretamente relacionada com o método empírico. Esse vivenciar em forma de experiência é um fio fenomenológico que encontra naturalmente com a geografia humanista, vertente que tenho mais segurança em caminhar...

(...) Imagine, ficar na mesma casa que a Rainha de Maracatu da Nação Estrela Brilhante, aquela que canto o nome muitas vezes nas toadas... Espero que ela seja receptiva mesmo sabendo que além de batuqueira estou indo observá-la numa pesquisa. Qualquer coisa, volto para a casa de Bianco, se não me sentir à vontade na sede. Posso visitar outras sedes também, mas acho que só se alguém me acompanhar. Na nação Estrela Brilhante me sinto mais segura, talvez por ter conhecido a Rainha Marivalda no “Encontros” (encontro de batuqueiros de Maracatu do Brasil) do ano retrasado, ou por ter em meu grupo mineiro de Maracatu uma forte ligação com essa nação; ela é uma escola do grupo. Talvez também porque o filho da Rainha, que está em SP, me convidou a passar esses dias lá, já que o quarto dele está vazio... Quando conheci a Rainha, a achei uma pessoa bem simples e de poucas palavras; lembra minha falecida avó; só que a minha avó, quando falava, eram sempre aquelas palavras certas, coisas dessas observações aprimoradas que só uma mulher do interior de Minas deve fazer. Parece que ela tinha um instinto sentido que funcionava para família toda... (Diário de Bordo, 2014).

Percebo que, como placas tectônicas, existem tanto momentos divergentes quanto convergentes no seio desses encontros entre seres; existem também direções e sentidos... Na escala da vida humana, tudo isso acontece num estalar de momento e vai se sucedendo em caminhos que levam a outros encontros. Este perceber, nos leva às reflexões sobre empatia feitas desde o início do século passado por Husserl (1905) e aprofundadas por sua aluna Stein (1917). Especificamente sobre esses observares, Stein aponta a formação das correntes de



consciência construídas no decorrer das vivências e que se entrelaçam a outras correntes de consciência a partir de mesmicidades e alteridades entre ambos, fundando o entregar-se de cada um numa relação... No outono da segunda quinzena de maio de 2014, nossas consciências se cruzaram sendo que na maioria dos momentos eu não estava com um vivenciar originário já que o observar de modo empático fazia parte do meu presente, não só com dona Marivalda bem como para todo o universo em que estava imersa. Talvez estivesse ali com o corpo vivo, coisa que me permitiu empatizar com ela e o corpo físico em estado expressivo para a empatia cultural com o ambiente. Mas encontrei nesta mulher uma maneira ampliada de dar-me e receber consciência e, de algumas formas, um encontro de alma, sobretudo através de ações relacionadas a feminilidades e espiritualidades, pedaços de nossas correntes de consciência que se encostam.

*“En mi vivenciar no originario me siento, em cierto modo, conducido por uno originario que no es vivenciado por mí y que empero esta ahí, se manifiesta em mi vivenciar no originário”.* (STEIN, 2004, p. 27). O conceito de empatia esmiuçado por Edith Stein em 1917 possui uma relação com a percepção do vivenciar do outro através da apreensão de suas vivências. Isso é uma possibilidade permitida quando estamos lidando com *o corpo vivo*, a alma e o espírito. Stein (2004) explica que este vivenciar empático acontece quando acessamos o eu interior do outro como uma ponte de conexão permitida em vivências originárias do outro. Isso não quer dizer que precisamos sentir o mesmo que o outro está sentindo nesta vivência pois cada um tem uma forma de sentir; isso quer dizer apenas que estamos percebendo o outro. Estes perceberes são objetos possivelmente estudados através da análise de fenômenos dos seres. Portanto é um fio de pesquisa ligado à fenomenologia. Nesta pesquisa, à luz deste enfoque depara-se com a empatia de uma mulher com um enorme raio de pessoas do mundo...

A luz que permite que isso seja possível é a busca dos caminhos que estamos aqui percorrendo, e está ligada sobretudo à trajetória da vida de Marivalda, ao lugar onde ela percorreu esta trajetória, a forma como ela emprega suas ações de feminilidade e a aliança aos pensamentos de Stein, também é por sua espiritualidade, relacionada a cultura do Maracatu, filha da religião do Candomblé.

Cheguei me apresentando e perguntando se o Janatan (Príncipe e filho dela) havia avisado lá de São Paulo da minha chegada. E ela respondeu que sim, mas que ele tinha saído de casa há mais de um ano dizendo que iria vender “Axé” (bebida típica de Olinda) em Minas Gerais e nunca mais voltou... Rimos e logo em seguida ela me perguntou se ele estava bem... Rapidamente nos entrosamos. Conteí a ela sobre a pesquisa e ela aparentou achar isso normal. Percebi depois (num outro dia) que isso é comum na sede. Um grupo de estudantes do ensino médio foi fazer uma entrevista e ela estava se sentindo bem à-vontade. Logo, ela foi buscar os lençóis azuis para que eu pudesse colocar na cama de Janatan, que estava há muito sem ser usada. (Diário de Bordo, 2014).

Existem alguns vídeos públicos nos quais dona Marivalda conta sobre sua vida e história. Nas minhas vivências empáticas, a Rainha ainda não era o foco da pesquisa. Portanto, não fiz muitas perguntas e tive um contato cotidiano com ela... Essa vivência foi bem espontânea... O único direcionamento que havia como questão na época da vivência era perceber o quanto é diferente o Maracatu pernambucano dos grupos percussionistas de Maracatu mineiros que eu conhecia há alguns anos... Gostaria de entender, na ocasião, a diferença cultural relacionada ao lugar e à história de uma cultura conhecida pelo mesmo nome popularmente mas que se dá de forma bem distinta nos diversos lugares, sobretudo em elo comunitário e cultural. Todo aquele envolvimento me colocou mais perto da religiosidade a que esta cultura está envolvida e isso fez com que eu a tratasse com muito mais respeito que antes. Mas antes mesmo de me abranger a esta percepção, já existia um certo respeito pelo que os tambores me fazem, pois:

muitos que entram em contato com esta cultura afrodescendente, de início sentem um arrepio “sem explicação” como é o caso de Manoela Mendes, mineira, recentemente envolvida com um grupo percussivo de Maracatu: “ - Quando eu escuto o Maracatu, sinto ele de dentro, entre o peito e a barriga, me arrepia e me comove, suas batidas me locomovem nos passos das danças que nunca dancei, sinto minha descendência vir à tona; é algo que me leva sem que eu sinta uma manifestação espontânea de uma cultura ancestral que é minha e que vive em mim...” Conversando com ela sobre isso me lembrei das minhas primeiras sensações com o Maracatu e, a partir dessa observação, entendi de forma não fácil de explicar, porque essa cultura se expande. Talvez a luz da religião intrínseca a esta cultura, mesmo que de forma indireta, nos grupos percussivos, se exerça e por que não? (BESSA, 2014, p.24).

De alguma forma a descrição densa do diário de bordo me permitiu lembrar encontros importantes como o de Marivalda e a relação com o mundo em que estava inserida. Não fosse a peculiaridade de sua posição na sustentação de um elo importante da cultura popular que estamos lidando talvez não teriam no diário tantos parágrafos meandrando para suas ações...Mas foi um encontro inevitável e essencial para que entendesse o Maracatu por esse ângulo antes nunca visto.

### ***Especificidades de um gênero: mulher, mãe, amiga, costureira, dona de casa, administradora e Rainha***

Durante os dias em que estive hospedada na sede da Nação Estrela Brilhante, percorri um universo completamente distinto do meu. Houve discrepantes distâncias relacionadas à classe social, tais como a cor da pele, a religião e os hábitos, tanto físicos quanto linguísticos. No Brasil há muita diversidade entre seres, entre comunidades e entre regiões, situação em que sua extensa área e complexa história contribuem. Sendo assim, as situações de imersão vivenciadas por geógrafos ou pesquisadores costumam ser um tanto quanto “selvagens” já que existem preconceitos e muros de todos os tipos entre esses povos. Em muitos momentos não sabia como lidar com situações, principalmente aquelas ligadas a rituais religiosos que nunca havia participado. Eram situações vivenciadas no candomblé, onde se entrelaça a cultura do Maracatu. Todas essas situações foram descritas no diário de bordo em momentos que não se relacionam diretamente a esta pesquisa... Mas, de algum modo, a tranquilidade me alcançava, tanto por me encontrar de frente a uma expressão comunitária que tenho muita admiração – de origem afrodescendente recifense - quanto por ser instruída por Marivalda em diversos instantes... Esta mulher se manifestou nesses momentos percebendo meus medos e me abriu soluções confiáveis; foi para mim, durante aqueles dias, o que é para a comunidade do Alto José do Pinho e seguidores da cultura do Maracatu sempre, uma mãe, uma Rainha.

A Rainha Marivalda é como uma mãe para a comunidade e sobretudo para a nação. Isso foi muito nítido nesses dias em que estou aqui; até de mim mesma ela está sendo uma mãe; acorda cedo nos dias em que tenho que ir para a faculdade, faz café, preocupa-se com minha alimentação e com os lugares por onde passo. Esses dias andei com ela pela comunidade; fui até a casa de sua outra filha e percebi como as pessoas daqui a tratam; bem como uma mãe mesmo... Durante o dia a Rainha recebe muitas visitas de pessoas da comunidade; os assuntos são sobre a vida dessas pessoas, ou sobre os próximos espetáculos e viagens da nação; sobre as encomendas dos grupos de dança que ela bem costura, sobre empréstimos de dinheiro que ela faz a muitas pessoas da comunidade; ou até sobre os acontecimentos do terreiro que ela frequenta. Ela costuma passar o dia inteiro no quarto de costura com Ary Clayton; sai algumas vezes para comprar tecidos ou alimentos para as festas que acontecem no terreiro do seu Pai Jorge. (Diário de Bordo, 2014).

Apesar de dialogar neste trabalho com os fragmentos do diário de bordo descrito por mim durante aqueles dias em que meu sangue de encontro era fervoroso não se trata profundamente de uma empatia transferida por mim e pela Rainha. Para uma análise

empática mais profunda dessa transferência seria necessário mais tempo de vivência e, talvez, até mais encontros que abrangessem outros tempos. A empatia aqui enfatizada é aquela que Marivalda tem com todos, detalhes recorrentes percebidos (e nesta parte entra meu observar empático e um pouco do olhar geográfico), da sua relação com os outros e dos outros com ela, das ações transmitidas por palavras e pelo próprio corpo físico... Pelos olhares de gratidão e cumprimentos de respeito... Até mesmo pela simplicidade a que são feitas reverências, às vezes transmitidas, até por um olhar de longe das pessoas quando ela passava nos ambientes da comunidade. Esta empatia foi construída durante toda uma vida de convívio na comunidade do Alto José do Pinho ligada à religião do candomblé e ao Maracatu de forma que já foi Rainha da Nação Leão Coroado em outros tempos e tem como ofício principal costurar na comunidade, delicadeza relacionada tradicionalmente pela mulher no Brasil e que certamente a conectou com muitas gerações do lugar. Dentro do quarto de costuras, Marivalda, passa horas e dias com Ary Clayton, seu aprendiz costureiro, morador da comunidade do Alto José do Pinho e filho do Pai Jorge, condutor do terreiro de candomblé que frequenta. (FIG. 3).



Figura 3 - Dona Marivalda e Ary Clayton no quarto de costuras.  
Autor: Alice Bessa

O raio de alcance da influência de dona Marivalda é mundial. Há, no mundo inteiro, pessoas que a respeitam pela posição que ela ocupa na Nação Estrela Brilhante de Maracatu. Observei nos vídeos virtuais que assisti antes de partir para a imersão e tive contato, como batuqueira de um grupo percussivo de Maracatu em Belo Horizonte (MG), com as canções (loas) que as reverenciam, essa admiração... Toda essa misticidade hierárquica da cultura, como descrito anteriormente, é ligada primeiro, à espiritualidade, e depois, à musicalidade percussiva do Maracatu que tem crescido por todo o mundo. Além de administradora da nação, a Rainha é encarregada de fazer o elo religioso e tradicional desta cultura através das bonecas e das oferendas e rituais relacionados à nação.

Os dias em que passei na sede foram importantes para que eu entendesse que a Rainha Marivalda vive dessa instituição, administrando-a e agendando viagens. Ela diz que quanto mais batuqueiros ela consegue levar para os espetáculos, melhor. Então organiza todas as passagens, estadias e fica por conta desses contratos. Assim, ela já viajou com a Nação para Alemanha, França, Estados Unidos (um sonho por ela realizado), vários estados brasileiros e muitos lugares aos quais ela recordou em muitos instantes aqui. (Diário de Bordo, 2014)

Apesar de ocupar seu tempo com todos estes afazeres, Marivalda é uma mulher calma na maior parte do tempo, tem muita paciência para escutar as pessoas que visitam a sede e normalmente mostra caminhos de soluções para os problemas dessas pessoas. No terreiro que frequenta tem um papel muito importante. Ela não recebe espírito em seu corpo como algumas pessoas, mas consegue perceber os “dois mundos” envolvidos nos rituais e, por isso, cuida dessas pessoas no momento em que recebem os espíritos para que não machuquem seus corpos ou despercebam o mundo concreto.

### ***O mundo-da-vida dentro do mundo Ocidental...***

Do ponto de vista social, no espaço ocupado por esta cultura em Pernambuco, onde essa etnicidade vigora com intensidade na forma de Nações (Nação Estrela Brilhante de Maracatu, Nação Elefante, Nação Porto Rico, Nação Leão Corado entre muitas...), estas pessoas são tratadas de maneira ainda excluída pela maioria da população. Apesar de haver um reconhecimento popular internacional, os incentivos governamentais e midiáticos são escassos se comparados ao número de pessoas que habitam essas comunidades. No contexto histórico, essa cultura também sofreu repressões de vários tipos, persistindo até hoje por ter se realizado de forma oculta em outros tempos e, de certo modo, são reprimidas até hoje pelo preconceito. Reconhecer a Nação de Maracatu, hoje, como uma instituição privada foi perceber na escala de lugar o que acontece com a cultura popular no mundo. Essa transformação da cultura para a esfera econômica é algo necessário para que elas sobrevivam. Valores são modificados e as gerações cultuam cada vez mais a valorização monetária que materializa de modo comercial suas identidades. Dessa maneira, pessoas como Marivalda podem adentrar no sistema capitalista através da arte, função mais próxima das identidades desses povos do que as massacrantes jornadas de trabalho tecnicista que o mercado oferece a esta classe. Mas, ainda assim, isso acontece de forma segregada também dentro das comunidades. O próprio mestre desta nação (regente) se sustenta como funcionário público. A nação é, para as novas gerações, uma semente de ilusão que pode se tornar realidade dentro da carreira musical, mas, na maioria das vezes, isso não ocorre, gerando frustrações econômicas.

No último dia conversei muito com a Rainha Marivalda sobre os grupos percussivos espalhados pelo mundo, ela revelou uma certa aversão a muitos grupos, pois as coisas são repassadas de forma aberta a todos pela nação, segundo ela, não existe nessas apreensões compromisso com a religião e nem um retorno qualquer que seja para a comunidade. Apenas aprendem o que querem aprender e partem para seus destinos, virando muitas vezes até concorrentes mercadológicos para a nação. (Diário de Bordo, 2014).

O dia-a-dia vivenciado por uma pessoa em um aglomerado nordestino brasileiro é pesado, jornadas de trabalho exaustivas e muita pobreza e condições precárias de vida estão relacionadas a isso. A cultura e a identidade do Maracatu são, de certa forma, um refúgio para a opressão da cultura hegemônica ocidental que todos os indivíduos brasileiros sofrem. Sobretudo, sabe-se que há mais força alienante sobre as classes mais pobres, pois há menos condições de alcançarem direcionamentos educacionais e informativos que são ilesos da mídia massificada! Assim, o Maracatu se estabelece como uma força tanto espiritual, quanto cultural... No momento em que as pessoas se ligam às canções (loas) cantadas, percebem, assim, a história de seu povo, de sofrimento e de alegria musical e corporal que lhes dão força a seguir por caminhos tortuosos.

A formação da vida de um indivíduo nestas condições só pode ser percebida por eles próprios. O que pude constatar é que, de certo modo, há uma forte organização comunitária para se



estabelecer a continuidade de uma minoria cultural no mundo em que habitam em meio a repressão cotidiana e preconceitos. Talvez esta organização comunitária seja também fruto da empatia, como Palhares (2014) comenta.

A vivência da empatia colabora para a compreensão da vida em grupo. Se os indivíduos que compõem o grupo comunitário alteraram suas características ou se outros indivíduos passam a participar deste grupo, ou ainda, se indivíduos já pertencentes à comunidade deixam de participar por alguma razão, as características desta comunidade podem se alterar. Dentro de uma mesma comunidade há diferentes níveis de participação das pessoas, denominados por Edith Stein de sustentadores da comunidade. São pessoas que vivem na comunidade com a alma; pessoas cujas ações particulares refletem o sentido do todo. (PALHARES, 2014, p.10).

Pensando por este caminho, a alma de Marivalda é grandemente refletida, sendo uma enorme base de sustentação para a comunidade ou para a Nação Estrela Brilhante de Maracatu. Existe, entre os batuqueiros e outros representantes da corte, cada um, uma contribuição, com seu grau de participação, de entrega e de particularidades que contribuem com a sustentação de toda a representação cultural desta Nação de Maracatu.

### ***Considerações sobre a mulher Marivalda e a luz de um caminhar identitário***

Como descrito por Palhares (2014), sobre as profundas escavações de Stein, quando uma comunidade acredita nas idéias das pessoas integrantes do grupo e as ações partem do próprio indivíduo em benefício de um bem comum, podemos dizer que a comunidade possui uma alma. Essencialmente, as ações de Marivalda são executadas a partir de sua vivência, memórias e valores. Afunilando mais ainda sobre este sentido de valor comunitário, podemos dizer que está estritamente relacionado às suas crenças espirituais e aos seus deuses. A exemplo de duas deusas do apressado de Marivalda tem-se Oxum e Iansã, e estas deusas são cultuadas frequentemente nos importantes símbolos (as bonecas) relacionados às comunicações espirituais da cultura identitárias a que ela pertence: o Maracatu. Diante disso, a Rainha frequenta constantemente os terreiros ou ambientes de cultuação da religião Candomblé onde os espíritos de seus ancestrais se comunicam com ela. Stein (2004) considera a parte espiritual como essência maior da empatia, sendo que os indivíduos que se aproximam de valores espirituais carregam eles em seus espíritos e, de certo modo, em seus atos... As ações relacionadas às almas são também as ações originárias e, portanto, mais próximas das vivências do corpo vivo com segurança sustentada por uma fé não contestável... Estas colocações fazem entender como a relação da Rainha com as outras pessoas acontece de forma tão natural, leve e reverenciada por todos. Sem dúvida ser uma mulher que, além da memória e identidade, possui a empatia, percebendo os outros ao seu redor, a faz ter a posição de destaque na cultura popular a que pertence e na comunidade que está inserida. Sem dúvida existem pessoas de outras religiões na comunidade que podem alimentar preconceito de religiões que cultuam espíritos ancestrais, mas, de todo modo estes não atravessam seus caminhos sem respeitá-la como foi percebido quando percorri a comunidade com ela. Sem dúvida, a Nação Estrela Brilhante se mantém ganhando três últimas agremiações nas disputas carnavalescas devido às mãos, corpo e espírito presentes de dona Marivalda. Sua força e luta, ligada a seus valores, fazem com que as pessoas ligadas à comunidade e os seguidores desta nação em todo o mundo apreendam, em suas memórias, belas épocas historiográficas da história secular da Nação Estrela Brilhante de Maracatu.

O mundo-da-vida e o mundo subjetivo de Marivalda é intenso na história de luta das minorias no Brasil. Como outros mundos-da-vida, sua história, posição e força é reflexo das condições que o mundo lhe apresentou durante seus sofrimentos e vitórias. O espaço intersubjetivo permitido a pessoas que nascem nas condições minoritárias dentro da condição pós-moderna a

que estamos inseridos é minúsculo... A partir disso podemos considerar que este ser, mulher, negra, pobre, nordestina e brasileira encontrou, no seu caminho, a valorização cultural e espiritual de seu povo e de seu ser como uma luz influenciou muitas pessoas espalhadas no mundo. Sua geografia acompanha nossos tempos de redes comunicacionais que permitem ser esta mulher reconhecida no mundo e, ainda, é ampliada constantemente pelas viagens que faz e pelas visitas que recebe em prol de sua escolha. Pessoas com esse nível de resistência e posições nos fazem também acreditar que há caminhos menos segregados e com mais valor onde a comunidade global poderia se reencantar no mundo em que vive. Talvez esses valores não sejam reconhecidos por outros olhares mas, ainda assim, não deixam de modificar a relação do ser com a terra no momento em que elas caminham por uma universalização de valor unicamente monetário.

## **Referências**

BAUER, Otto. A Nação. In: **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, p. 45-83

BESSA, Alice. **Um diário de bordo que trança os fios do Maracatu: Reflexões descritas das avenidas centrais mineiras até o alto dos becos pernambucanos**. Trabalho de conclusão de curso, UFMG, 2014.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: Natureza da realidade geográfica**. Traduzido por HOLZER, Werther. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A. 2011.

HUSSERL, Edmund. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução a filosofia fenomenológica**. Traduzido por FERRER, Diogo Falcão. Rio de Janeiro:Ed FORENSE, 2012.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Maracatus e maracatuzeiros: desconstruindo certeza, batendo afayas e fazendo histórias**. Recife, 1930-1945. Dissertação de Mestrado, UFPE-CFCH, Recife, 2006b.LIMA, Ivaldo Marciano de França. **Ensino de História da África no Brasil: caminhos e descaminhos de uma luta contra o racismo velado**. Revista Novas Idéias, v. 01, p. 53-74, 2008.

PALHARES, Virgínia de lima. **Apontamentos sobre a apreensão da empatia Steiniana na comunidade**. In: V Seminário do Grupo de Pesquisa em Geografia Humanista, Ilhéus, BA, 2014.

STEIN, Edith. **El Problema de la empatía**. Traduzido por BONO, Jose Luis Caballero. Madrid:Ed. Trotta 2004.